

Etnografia visual, uma ponte entre ciência e transformação social

Entrevista com Marcela Vásquez-León

Visual ethnography, a bridge between science and social transformation

Interview with Marcela Vásquez-León

Raquel Galdino

Mestranda bolsista CNPq do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio. É pesquisadora e co-orientadora de Iniciação Científica grupo de pesquisa "NarFic Narrativas da Vida Moderna na Cultura Midiática: Do Folhetim às Séries Audiovisuais".

PUC-Rio, Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Luana Vicentina

Mestranda bolsista Capes/PROSUC do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio. É jornalista com domínio em Antropologia da Arte e Cultura e assessora de Comunicação na TV Globo. Participa do Centro de Estudos em Ficção Audiovisual, Espectatorialidades e Consumo do PPGCOM PUC-Rio.

PUC-Rio, Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Diretora do Centro de Estudos da América Latina e professora de Antropologia na Universidade do Arizona, a antropóloga ambiental colombiana Marcela Vásquez-León tem duas décadas de pesquisas aplicadas com comunidades rurais na América Latina e na fronteira entre os Estados Unidos e México. Seu trabalho com cooperativas de pequenos agricultores no Brasil e no Paraguai e com comunidades pesqueiras no Golfo da Califórnia (México) já resultou na produção de diversos documentários.

<https://doi.org/10.46391/ALCEU.v24.ed54.2024.451>

ALCEU (Rio de Janeiro, online), V. 24, Nº 54, p.185-195, set./dez. 2024

Com um olhar voltado para as dimensões humanas da mudança ambiental global e a justiça social, Vásquez-León discute como as ferramentas audiovisuais podem transcender a academia, impactando diretamente as comunidades pesquisadas e desafiando preconceitos arraigados. Em entrevista durante sua passagem pela PUC-Rio, em agosto deste ano, quando ministrou o minicurso "Etnografia e Filme Etnográfico" no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, Vásquez-León compartilhou reflexões sobre as potencialidades do filme etnográfico, reafirmou sua crença no papel do audiovisual como catalisador de diálogos transformadores entre antropólogos e comunidades e comentou os desafios éticos e metodológicos dessa abordagem, que busca equilibrar rigor científico e compromisso com os pesquisados.

De que modo o fazer fílmico pode ser uma ferramenta para a etnografia?

Marcela Vásquez-León: Eu acho que o filme etnográfico tem um grande valor, porque hoje a pesquisa, para mim, como antropóloga, tem que ser muito mais que uma questão acadêmica. Há muitas situações de injustiça social. Antropólogos e pessoas que fazem etnografia geralmente trabalham com comunidades que são marginalizadas, pouco representadas. Então, quando entramos nesse mundo, nessas culturas, nessas situações de pessoas que a sociedade deixa de lado, também temos uma responsabilidade.

O filme etnográfico, ou a etnografia visual, abre possibilidades de mostrar coisas que, dentro do texto tradicional, são invisíveis. Não somente o que as pessoas falam, mas todo o entorno visual das nossas culturas, da nossa vida, trazem uma dimensão importante à etnografia tradicional. [Ao mesmo tempo,] a etnografia sempre utilizou metodologias visuais. Existem muitos filmes etnográficos de princípios do século XIX, XX, fotografias antigas de nativos estudados por antropólogos de fora, que mostravam as pessoas como se ficassem estáticas no momento. Isso tudo favoreceu um projeto colonial de fazer parecer que as pessoas nativas fossem de outra época, e já não existissem mais.

Essa questão de como o outro é apresentado na sociedade pode ser horrível, não é? As pessoas marginalizadas são representadas, na maioria das vezes, por pessoas que têm poder dentro da sociedade. Então, como antropóloga fazendo etnografia, eu busco entender

<https://doi.org/10.46391/ALCEU.v24.ed54.2024.451>

outros modos de ver, a partir do ponto de vista dessas pessoas. O filme etnográfico é importante por isso, por poder mostrar esse Outro, as pessoas marginalizadas pela sociedade do ponto de vista delas, e tirar muito do que você assume. Os preconceitos que temos de outras sociedades, de outras culturas, vêm do que as pessoas que têm poder representam, ou as pessoas que têm poder mostram dessas outras culturas, ou desse Outro.

E esse é um grande problema, mas a etnografia visual tem mudado muito. Já existem muitos exemplos de etnografia visual em que o etnógrafo trabalha com as pessoas que estão sendo estudadas para que elas mesmas produzam essa etnografia visual.

Durante a pesquisa etnográfica, o pesquisador levanta um volume muito maior de informações, já que, no filme, alguns recortes precisam ser feitos. Como selecionar o que entra e o que fica de fora no produto final?

Marcela Vásquez-León: Uma coisa é fazer etnografia tradicional, em que você passa um ou dois anos fazendo trabalho de campo, fazendo entrevistas em profundidade, fazendo observação participativa, e depois você analisa os dados e faz publicações escritas. Isso é muito diferente de mostrar toda a parte visual.

O filme etnográfico é parte da antropologia visual, é uma metodologia. É um filme que precisa de anos de pesquisa, para entender realmente qual é a situação que você está pesquisando, ter contato de perto com as pessoas dessa comunidade. Então, requer uma negociação com as pessoas com quem você trabalha, tem que ser uma criação mútua. É preciso que eles confiem em você, que você confie neles e que sejam criadas parcerias. Filmar com a antropologia, como ferramenta antropológica, significa entrar na dimensão das pessoas que você está estudando. Mas tem que haver sempre uma negociação com as comunidades. Elas têm que estar de acordo com a forma que você as está retratando. Então, todo esse exercício de fazer etnografia é um exercício também de questionar sua própria bagagem cultural, suas próprias ideias que podem ser completamente erradas, e a forma como você está analisando as coisas.

E, no campo, você vai perceber que as comunidades não são homogêneas. Tem muita divergência de ideias, de opiniões. Como você vai mostrar isso? Eles querem que você mostre. Qual é o objetivo final? Quem é a audiência final? Sobre tudo isso você tem que estar muito seguro, à medida que vai fazendo o trabalho. É preciso conhecer muito bem as comunidades para saber com quem falar, e para que eles também tenham a sensação de que podem falar para você o que eles querem falar. Você pode fazer muitas entrevistas, pode escolher o que acha que é melhor, mas tem que perguntar para eles também: “Dessa entrevista que eu fiz com você, qual é a parte mais importante que você queria ressaltar?”. Claro que tem muitos outros elementos a serem trabalhados, não somente a mensagem oral. Se a pessoa falou resumidamente ou foi muito prolixa, você precisa cortar. E é difícil. Não é fácil para um etnógrafo. Cortar é a coisa mais difícil.

Outra parte interessante do filme etnográfico é poder trabalhar em grupos interdisciplinares, o que eu acho que ajuda muito. Quando eu faço um filme etnográfico, a pessoa que está filmando, geralmente, não é um antropólogo. E a pessoa que está filmando tem uma noção muito clara do trabalho que significa depois editar, transcrever, fazer tudo isso. O antropólogo está acostumado a trabalhar por anos em um único projeto. Mas quem atua na área de mídia geralmente quer gravar um produto rápido e já partir para outro. Aí você tem que negociar novamente.

E como é essa negociação com um editor?

Marcela Vásquez-León: É muito difícil. Essa pessoa tem que entender o que você quer, e você também tem que entender. Os dois trabalham dentro de limites. Ter um grupo interdisciplinar é muito importante por isso, porque aí não vale somente o que o etnógrafo quer fazer, mas o que o produtor também quer fazer ou o que é possível fazer. Tudo isso somado às comunidades. É muito trabalho.

E uma coisa que a gente faz sempre é voltar à comunidade, para mostrar um rascunho inicial ou mostrar as entrevistas iniciais. E aí as pessoas falam: “Eu não quero sair assim, eu não gostei como eu falo lá, não me coloque”, ou: “todo mundo gostou da fala dessa pessoa”.

<https://doi.org/10.46391/ALCEU.v24.ed54.2024.451>

Então, você toma nota de tudo, e depois volta para eles com uma coisa melhor. Eu faço três, quatro amostras diferentes, e eles vão falar suas percepções e o que pode ser ajustado. Nessa troca, muitas vezes você tem que tomar decisões que não quer. E tem que tirar coisas que não gostaria de tirar.

Uma coisa que eu fiz quando trabalhei com uma comunidade de pescadores foi, além do filme, criar um website. E aí, no website, eu pude colocar mais testemunhos deles, que acabei não colocando no filme. São várias formas de apresentar o conteúdo.

Você acompanha o trabalho na ilha de edição?

Marcela Vásquez-León: Sim, acompanho todo o tempo. A gente transcreve tudo, e aí eu começo a ler e pensar, como se faz na etnografia tradicional. Depois eu começo a ver os temas que são chaves e divido por cores diferentes. E aí, já sabendo quais são os diferentes temas, vou escolhendo os áudios.

Depois a gente tem que ver a parte visual. Alguns áudios vão precisar de muita imagem para cobrir, porque estão explicando uma coisa importante. Por exemplo, se você está falando de um conhecimento ecológico tradicional, se a comunidade fala que há uma seca terrível, você precisa de uma representação visual disso, para que as pessoas vejam como é a seca e que ela acabou com tudo. Então, depois de ouvir tudo, você tem que voltar para pegar mais imagens. É um processo. Vai melhorando até que as coisas saiam como você gosta.

Dentro das comunidades também há hierarquias, pessoas com mais poder do que outras. Essas sempre querem estar em destaque todo o tempo. Então você tem que saber como manejar essa situação. E isso muitas vezes só se aprende com a experiência e com a intimidade que se cria. Você pode fazer piada: “Ah, você sempre quer sair porque você é o mais importante da comunidade. Agora não vamos colocar você, deixe que os outros falem”. Coisas assim.

Quais são as principais etapas para a elaboração de um filme etnográfico?

Marcela Vásquez-León: Eu nunca penso em fazer um filme etnográfico antes de fazer muita etnografia. Para mim, o filme etnográfico é a finalização de uma etapa.

Por exemplo, eu trabalhei mais de 20 anos com pescadores. Eu nunca pensei em fazer filme etnográfico, mesmo que eu adorasse essa parte visual da vida deles, o trabalho deles, numa área tão bonita. Mas nunca pensei em fazer, até que eles me propuseram: “Você sabe o que a gente está falando, mas quem está na Cidade do México, tomando decisões, não nos entende. Eu posso explicar em palavras, mas eles não vão entender.”

A mesma coisa aconteceu quando eu comecei a trabalhar com cooperativas de pequenos produtores. Eles queriam mostrar as grandes coisas que eles tinham feito por conta própria, coisas que ninguém acreditava. Então, a gente fez um documentário com eles e foi muito útil, porque depois eles conseguiram pegar um empréstimo de um banco. Coisas muito boas podem sair de projetos assim. Mas isso foi um feito muito específico.

Esse foi o primeiro filme etnográfico que eu fiz (VÁSQUEZ-LEÓN, 2009). Depois, eu trabalhei com eles por cinco anos. Eu ia em todos os verões ficar com eles para ver como as cooperativas iam mudando. Fizemos um livro, em que eles participaram também, e depois esse filme. Eu fiz para duas cooperativas diferentes. E com os pescadores eu comecei fazendo coisas pequenas, mas eles gostaram.

Por causa de um conflito político envolvendo os pescadores, eu decidi ser a narradora e me colocar como a pessoa principal que está falando. Alguns dos líderes dos pescadores foram presos e até assassinados. Não pelo filme, mas antes. É uma situação muito crítica, que requer a reflexão sobre como fazer uma etnografia visual de forma que não prejudique as comunidades pesquisadas ainda mais. Essa é uma grande responsabilidade.

Então, a primeira etapa é fazer a pesquisa etnográfica, que pode durar muito tempo. Depois, se dá para fazer o filme, eu faço. Mas não é a coisa que eu penso em primeiro lugar. Aí eu vou falando com eles: “Mas o que você quer mostrar é somente um lado, por que não

mostrarmos esse outro lado?”, ou “se você mostrar o lado contrário, vai fortalecer seu lado”.
Aí eu posso falar com mais alguma pessoa de fora. Eu dou sugestões e eles dão sugestões.

Nesta etapa são levantadas muitas perguntas. Quem quer participar? Como vão participar?
Se vamos fazer um filme, por quê? Para quê? Qual é o objetivo final? Geralmente eles falam:
“A gente quer que nossas vozes sejam escutadas”. Então eu falo, “mas vocês não têm uma
voz singular, vocês têm muitas vozes”. Quais são as vozes mais importantes? As vozes dos
mais marginais e as vozes dos líderes.

E, ao final, eu acho que as pessoas querem mostrar a vida delas como são. Querem respeito.
Por exemplo, muito do trabalho que eu faço é com produtores agrícolas ou pescadores,
pessoas que têm um conhecimento profundo da natureza, do lugar em que moram. Esse
conhecimento profundo é muito importante e ninguém reconhece. Não porque não seja um
conhecimento importante, mas porque se você não estudou na universidade, seu
conhecimento não é reconhecido pela sociedade. Então, como trazer em um filme essa
profundidade que eles têm para que sejam respeitados e, depois, consultados? Porque essa
é a ideia: eles precisam ser consultados no processo de elaboração de políticas públicas.

E daí é que um filme etnográfico também tem uma parte importante de letramento público,
ou *public scholarship*. Acho que, como antropólogo, você deve trazer isso às comunidades.
Se não, eu só vou publicar meus artigos em revistas antropológicas. Meus colegas
antropólogos podem falar: “ah, ela é muito inteligente”. Mas o que mudou?

Como é o processo com a equipe, e como introduz a câmera às pessoas?

Marcela Vásquez-León: Tenho que ter certeza de que quem está entrando na comunidade
não vai fazer algo que possa causar qualquer tipo de mal estar àquelas pessoas. Eu já
trabalhei com alguns cinegrafistas que sempre davam prioridade aos homens quando eles
falavam. Quando as mulheres falavam, eles sustentavam a câmera por pouco tempo e
depois davam uma volta e iam para o outro lado. Aí eu falei que não dava para ser assim, e
que eu iria determinar a hora de parar de gravar. Tem que estar de olho o tempo todo.

<https://doi.org/10.46391/ALCEU.v24.ed54.2024.451>

Uma coisa que eu aprendi com um cinegrafista é pedir que os entrevistados façam resumos do que disseram, para que possamos usar no filme. O antropólogo faz uma entrevista que dura duas horas. Tem que escrever tudo, porque qualquer coisa pode ser importante. Mas esse cinegrafista falava: “não, isso é uma loucura, você não pode fazer isso”. Então, depois que terminava a entrevista, ele pedia que os entrevistados resumissem, em cinco minutos, o que tinham acabado de dizer. Muitas vezes, essas eram as respostas que a gente usava.

Mas as perguntas que eu fazia antes ajudavam a pessoa a entender qual era o ponto da entrevista, e também me ajudavam a lembrar coisas importantes nesse processo, ou sentimentos que a pessoa queria transmitir. Então, depois, na hora de resumir em cinco minutos, as coisas importantes apareciam.

Que outras formas de etnografia visual existem para além do filme, e como saber qual é o melhor método a ser aplicado durante uma pesquisa?

Marcela Vásquez-León: É possível fazer etnografia visual para coletar dados. Fotografia, colagem, pintura, tudo isso é visual, não é? Tem um trabalho muito interessante sobre jovens mulheres grávidas, adolescentes. Uma antropóloga fez um ótimo trabalho em uma escola especial onde essas jovens ficavam. Elas não queriam falar que estavam grávidas. Então, ela começou a propor uma série de coisas. Elas fizeram, por exemplo, um diário. Elas escreviam coisas que eram importantes para elas. Depois, fizeram uma série de colagens, onde trabalhavam juntas, cada uma em sua colagem. E aí, elas começaram a falar de como se sentiam, e a mostrar isso.

Era uma coisa mais performativa, e para elas era mais fácil do que falar em uma entrevista. Depois, elas explicaram o que fizeram, e aí você começa a entender muito mais a perspectiva delas, e que elas também ainda estão tentando entender qual é a perspectiva delas. Porque é uma situação confusa, e elas são julgadas pela sociedade.

Tem muitos métodos que você pode utilizar. Mostrei no minicurso o trabalho da antropóloga Anita Carrasco, que encontrou uma grande quantidade de fotografias de um engenheiro dos anos 1920 que trabalhava na construção de uma mina de cobre no Norte do Chile. Ela

<https://doi.org/10.46391/ALCEU.v24.ed54.2024.451>

começou a falar com as pessoas da comunidade a partir das fotografias. E foi ótimo, porque ela usou essas fotografias para que as pessoas pudessem falar de coisas que eles tinham esquecido completamente, ou que os avós deles falavam há muito tempo. Eles viram, pelas fotos, como a mina começou a mudar a água, e como os mesmos moradores das comunidades que fizeram os aquedutos ajudaram depois a mina. Para uma questão histórica, você pode mostrar coisas que despertam a memória ou que tragam ideias às pessoas que está entrevistando.

Durante o minicurso Etnografia e Filme Etnográfico, ministrado no PPGCom da PUC-Rio, você ressaltou que a etnografia visual exige uma negociação da visão de realidade dos participantes. Como o pesquisador pode trabalhar de forma colaborativa com os pesquisados, usando tecnologias visuais para contar histórias invisíveis?

Marcela Vásquez-León: Tem muitos pesquisadores que dão câmeras para às pessoas da comunidade. Estou lembrando agora de um filme que foi muito interessante na Colômbia, onde um pesquisador deu câmaras aos habitantes de favelas. Eram jovens que falavam que a vida não dura mais de 18 anos, 16 anos.

Então, as meninas, por exemplo, se entrevistam entre elas e falam que querem ficar grávidas porque já têm 15 anos e vão morrer em breve, ou que seus namorados vão morrer em breve. Todas essas noções da morte, do perigo, foram os próprios meninos que estavam nessa situação, em lugares que são muito perigosos, que contaram e registraram.

Também tem um filme em que a pesquisadora dá câmaras para os pesquisados, que são pessoas que usam cadeiras de rodas. Eles gravaram com as cadeiras de rodas por dois anos. E aí ela coletou muitos dados e depois fez esse filme, em que eles mesmos mostram como é a vida de uma pessoa que está com a mobilidade severamente limitada. Para um pesquisador seria muito difícil fazer coisas assim.

Pesquisadores que trabalham com aspectos visuais, como os filmes, geralmente usam essas plataformas para alcançar a sociedade e furar a bolha acadêmica, como estávamos

<https://doi.org/10.46391/ALCEU.v24.ed54.2024.451>

falando. Que sugestões você daria para que um filme mantenha seu rigor científico e, ao mesmo tempo, provoque sentimentos que não são contemplados na pesquisa acadêmica tradicional, como artigos?

Marcela Vásquez-León: Precisa fazer muita pesquisa etnográfica antes. Porque, quando faz isso, você tem um sentimento pela comunidade, tem um sentido de responsabilidade e admiração. Eu acho importante que você sinta admiração pelas comunidades com que está trabalhando. Porque aí você está respondendo como ser humano a eles, não?

E como conciliar esse rigor da academia com o fazer ético da etnografia?

Marcela Vásquez-León: Eu acho que é parte da mesma coisa. Quanto mais tempo você está com uma comunidade, você vai entendendo mais coisas. Você fica mais comprometido. Há um compromisso real.

Quais são as principais vantagens da realização de uma pesquisa etnográfica com recursos audiovisuais, por exemplo um filme? E quais são os principais desafios?

Marcela Vásquez-León: Entre as vantagens, poder fazer um letramento público. Não somente seus colegas vão olhar o filme ou vão ver os resultados da pesquisa, ela vai ter um impacto muito mais abrangente fora da academia. Eu acho que é decisivo ter um impacto fora da academia. O desafio é fazer uma boa apresentação, conseguir um produto final que ajude a romper preconceitos e a promover a diversidade cultural, a diversidade humana. Ninguém é melhor que ninguém. Você pode ter um doutorado e pode ser um camponês que trabalha no campo. Ambos têm muito conhecimento.

Raquel Galdino

<https://orcid.org/0009-0009-7879-3753>

PUC-Rio, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Mestranda

gs.raquel42@gmail.com

Luana Vicentina

<https://orcid.org/0009-0001-3385-8607>

PUC-Rio, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Mestranda

luanavicentinaps@gmail.com

Recebido em: 7 de outubro de 2024.

Aprovado em: 10 de dezembro de 2024.

Referências:

VÁSQUEZ-LEÓN, M. (Director). 2009. **Cooperatives and Small Farmers in Paraguay/Cooperativas y Pequeños Productores del Paraguay**: Manduvira Cooperative. DVD. Spanish and Spanish with English subtitles. Bureau of Applied Research in Anthropology and VisualArte, Chile. DVD donated to the to the Center for Latin American Studies Library and the University of Arizona Main Library, freely available in the online repository. <https://vimeo.com/30447851>

VÁSQUEZ-LEÓN, M. (Director). 2010. **Cooperatives and Small Farmers in Paraguay/Cooperativas y Pequeños Productores del Paraguay**: Capiibary Cooperative, San Juan Nepomuceno, Caazapa. DVD. Spanish and Spanish with English subtitles. Bureau of Applied Research in Anthropology and VisualArte, Chile. <https://vimeo.com/30457377>

VÁSQUEZ-LEÓN, M, B. Burke, FINAN, T. (eds). 2017. **Cooperatives, Grassroots Development, and Social Change**: Experiences from Rural Latin America. Edited Volume. The University of Arizona Press.

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Attribution Non-Commercial (CC-BY-NC 4.0), que permite que outros remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho para fins não comerciais, e embora os novos trabalhos tenham de lhe atribuir o devido crédito e não possam ser usados para fins comerciais, os usuários não têm de licenciar esses trabalhos derivados sob os mesmos termos.

<https://doi.org/10.46391/ALCEU.v24.ed54.2024.451>

ALCEU (Rio de Janeiro, online), V. 24, Nº 54, p.185-195, set./dez. 2024